

2

Edição  
2015.1

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório  
da Faculdade  
de Comunicação  
da UFBA



Taylla de Paula

Página 10

## Orgulho Crespo, Orgulho Negro

Página 07

Análise de insetos ajudam  
na investigação de crimes

Página 11

UFBA Oferece cursos  
de Iorubá

Páginas 18 e 19

Ser mãe e acadêmica  
é possível

# EDITORIAL

No Brasil, o dia 20 deste mês de novembro marca uma data para ser celebrada como o Dia da Consciência Negra, em homenagem à morte do líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi. Mais de 300 anos se passaram desde o episódio que matou Zumbi e a liberdade dos afro-brasileiros ainda não está estabelecida. Cotidianamente, a luta se expressa através da afirmação de uma cultura, do reconhecimento e valorização da sua estética, incluindo os cabelos crespos. Foi para exaltar a beleza desse fenótipo e para mostrar que a representação de uma identidade é, sim, importante, que pessoas negras protagonizaram a Marcha do Empoderamento Crespo no centro da cidade, cuja cobertura ilustra nossa matéria de capa. Nesta edição também abordamos os desafios do Quilombo Quingoma, em Lauro de Freitas, e a batalha das mães universitárias para garantir o desempenho acadêmico sem descuidar dos pequenos. Tem mais novidade com a matéria sobre o uso da plataforma livre Arduino, que permite diversas criações tecnológicas, além de uma viagem com o geólogo e historiador Rubens Antônio Filho pela Salvador antiga e o conhecimento de estudos em laboratórios da Ufba que ajudam numa investigação digna do seriado norte-americano CSI: Investigação Criminal. Um conteúdo riquíssimo para fazer a atualização pós-greve. Boa leitura!



## **Projeto de Lei 215/2015 pretende vigilância massiva na internet e promove censura**

O Projeto de Lei 215/2015, apresentado pelo Deputado Hildo Rocha (PMDB/MA), e seus apensos – o PL 1547/2015, do Deputado Expedito Netto (SD/RO), e o PL 1589/2015, da Deputada Soraya Santos (PMDB/RJ) – criminaliza a crítica aos políticos e legaliza a espionagem. O projeto unificado propõe punição mais dura para os crimes praticados nas redes sociais. Além disso, alteram dispositivos do Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014), para permitir que dados dos usuários sejam fornecidos a autoridades públicas independentemente de ordem judicial, assim como a obrigatoriedade de retirada de conteúdos postados na internet, nos casos de mera alegação de crimes contra a honra – calúnia, injúria e difamação –, impondo penalidades de restrição física e econômicas ao provedor de internet e comprometendo o princípio da inimizabilidade da rede. O PL 215/2015 coloca em risco o necessário equilíbrio entre a proteção do direito à privacidade e a perseguição criminal, bem como a própria democracia ao permitir tais abusos. O projeto pode ser votado a qualquer momento no Congresso Nacional e gerou manifestações de repúdio de diversos setores.

## **Lei de Direito de resposta é sancionada**

De autoria do senador Roberto Requião, a lei determina que resposta do ofendido na imprensa terá mesmo espaço e alcance que o veículo usou para proferir ofensa. A medida foi considerada um avanço pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). “Em meio a todo o conservadorismo político que rechaça as pautas relativas à democratização da comunicação, a regulamentação do direito de resposta nos mostra que a mobilização e a pressão social sobre o Congresso Nacional ainda é eficaz”, afirmou Renata Mielli, do FNDC e do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé.

## **Falece o professor Mahomed Bamba, da FACOM**

Pesquisador em Cinema, o professor Bamba faleceu no último dia 16 de novembro. Querido por todos, deixa uma imensa saudade na comunidade universitária da UFBA.

**JORNAL  
DA FACOM**

Maio 2015

Jornal Laboratório da Faculdade de  
Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso  
Segunda edição, semestre 2015-1

Reitor: João Carlos Salles

Diretora da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores chefes: Thalita Lima  
Javier Vázquez Basilio

Comitê Editorial: João Bertonie  
Tarsila Carvalho

Ilustração: Filipe Rafael

## **Repórteres (turma 2015.1)**

Jasmin Chalegre, Carla Riberio, Milena Hidete,  
Jade Giallorenzo, Michelle Oliveira, Jessica Carvalho,  
Sérgio Loureiro, Pollyanna Pinheiro, Tarsila Carvalho, João  
Bertonie, Janaina Vidal, Tatyane Ferreira e Mallu Silva

**Fotógrafos:** Natácia Guimarães, Mallu Silva, Matheus  
Buranelli, Taylla de Paula, Milena Abreu/LabFoto, Milena  
Hidete, Carolina Pereira/LabFoto

**Projeto Gráfico:** Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

**Diagramação:** Carla Risso, - MTb 19.260

**Distribuição gratuita**

**Contato:** jornaldefacomufba@gmail.com

# Comunidade quilombola em Lauro de Freitas está ameaçada



Milena Abreu/LabFoto

Milena Hildete

“Eu era menino quando o engenho acabou mas, graças a Deus, sou nascido e criado aqui, nesta terra”. A frase é de seu Francisco Pereira do Nascimento, 98 anos, um dos moradores mais antigos do povoado de Quingoma, comunidade remanescente de quilombo, em Lauro de Freitas. Os quilombolas da região convivem diariamente com o desafio de manter a tradição dos seus antepassados e sobreviver à falta de direitos sociais básicos, como o acesso à educação e transportes.

A área era uma antiga zona de engenhos que abrigou povos oriundos da África durante o século XIX. Bairros como Capelão e Vida Nova, situados na região metropolitana, também eram antigos refúgios. No entanto, Quingoma é a única comunidade que possui fortes características da época, conta o historiador, Gildásio Vieira, responsável pela Divisão do Patrimônio Artístico e Cultural (DIPAC) do município.

O bairro possui cerca de 3.500 moradores que residem entre Quingoma de Dentro e Quingoma de Fora. Apesar de estar situada em uma cidade, a comunidade é considerada rural. O acesso só é possível através uma estrada de barro, distante de escolas e postos de saúde. Carece de saneamento básico e parte dos habitantes da região sobrevivem de agricultura familiar e da caça realizada na mata.

A população do quilombo, mesmo diante das dificuldades, ainda tenta resgatar e manter viva a sua cultura. O samba de roda Renascer, retomado em 2004, é uma das expressões mais conhecidas da região. Durante o evento as mulheres do bairro se reúnem para sambar e recriar suas raízes através da música. “O nosso canto nos faz lembrar dos nossos ancestrais, e por um momento parece que estamos fora dessa realidade”, relata Raquel Santos, sambadeira do grupo.

A festa acontece mensalmente e já chegou a reunir cerca de 1500 pessoas. Durante o evento, alguns moradores aproveitam o espaço para comercializar comidas e bebidas típicas da região, como a vaca atolada e a galinha caipira. No final do samba os jovens se reúnem nas rodas de capoeiras do principal terreiro da comunidade.

Francisco Pereira do Nascimento, 98, morador do Quilombo Quingoma



### **Apoio e Reconhecimento**

Em 2013, a comunidade de Quingoma foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de Quilombo. No mesmo ano, os moradores buscaram o Instituto Nacional de Terras e Reforma Agrária (Incra) e foi aberto um processo de titularização da área para que a posse da terra fosse garantida aos quilombolas.

Segundo o superintendente do Incra, Luiz Gugé Santos Fernandes, o Instituto atualmente tem cerca de 800 comunidades quilombolas para titular. “Estamos tentando acelerar ao máximo, mas o reconhecimento de Quingoma é recente, só aconteceu em 2013. Além disso o quilombo está rodeado de uma área urbana, o que torna a delimitação mais difícil”, relatou Gugé.

### **Comunidade ameaçada**

Os quilombolas de Quingoma estão sob risco de remoção devido à construção da Via Metropolitana, uma estrada de 11 km de extensão que vai

ligar a rodovia CIA-Aeroporto à Estrada do Coco. A obra foi autorizada pelo Governo da Bahia neste ano e já está em andamento. Com construção da estrada não será mais necessário passar por Lauro de Freitas para ter acesso à linha Verde, no entanto, a obra trará impactos ambientais e culturais às áreas circundantes.

A Defensoria Pública da Bahia, as lideranças do Quilombo e a Concessionária Bahia Norte, responsável pela realização da obra, se reuniram em uma audiência pública para solucionar os impactos da construção da estrada nas regiões adjacentes. Resultado dessas negociações, foi celebrado um termo de cooperação técnica entre a comunidade e a empresa, onde a construtora se comprometeu a contratar um profissional para a elaboração de um laudo antropológico com a caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural dessas áreas quilombolas identificadas.

O estudo ajudará o Incra a definir a área, permitirá que o quilombo tenha acesso a políticas públicas para a população e contribuirá para que a Bahia Norte reformule o projeto da Via. No en-

tanto no último dia 21 de outubro a empresa enviou uma carta à Defensoria rescindindo o termo de cooperação, alegando que os funcionários contratados estariam sendo ameaçados pelos moradores da área.

Os residentes do território contestam a versão da empresa. Ana Lucia Santos, presidente da Associação de Moradores de Quingoma de Dentro, diz que não houve ameaças. “Fizemos o contrato e eles o romperam com a retirada da antropóloga que estava fazendo o laudo, por isso entramos com uma ação para interromper atuação da empresa. Só queremos o que é nosso”, declara Ana.

De acordo com Gilmar Bittencourt, Defensor Público no município de Lauro de Freitas, a defensoria está entrando com uma ação cautelar para embargar a obra. “Vamos pedir a interrupção, já que a construção possui uma série de irregularidades, e o termo de cooperação foi rompido pela empresa”, afirmou. O Jornal da Facom procurou a concessionária Bahia Norte, mas não houve retorno.

# Moscas e besouros podem ser testemunhas de um crime

Por meio do estudo com insetos, pesquisadores identificam as causas do crime e o tempo de morte do indivíduo

Tatyane Ferreira

Você sabia que os insetos podem fornecer pistas valiosas na investigação de um crime? A análise do estágio evolutivo dos insetos que se alimentam do corpo em decomposição pode auxiliar a desvendar um assassinato. Trata-se da entomologia forense, que tem como principal foco definir a data de morte da vítima. Essa pesquisa é realizada pela professora de Zoologia e coordenadora do laboratório de Bionomia, Biogeografia e Sistemática de Insetos (BIOSIS) da Univer-

sidade Federal da Bahia (UFBA), Favízia Freitas de Oliveira, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

Em seus primeiros experimentos, no ano de 2008, a equipe composta por seis pesquisadores, contando com alunos e professores, sob a coordenação de Favízia, analisou a bionomia de dípteros (moscas) e coleópteros (besouros) que se alimentam das carcaças. Utilizaram dezesseis carcaças de porco, uma vez que o organismo desse animal se assemelha ao do ser humano. Os porcos foram abatidos em laboratório, sendo que esse procedi-

mento foi feito com ajuda de um policial que fazia o abate e um veterinário, seguindo as normas do código de ética de uso de animais para experimentos.

Em 2011, o grupo, agora composto por doze pesquisadores, retomou as pesquisas, só que desta vez utilizando carcaças expostas ou enterradas em covas rasas. O estudo foi realizado em dois períodos, chuvoso e seco, em razão de alguns insetos aparecem mais no verão, já outros, no inverno. Durante a pesquisa, a cada fase da decomposição, as espécies de insetos presentes nas carcaças foram coletadas e catalogadas.

## Descobertas científicas

A dissertação do perito criminal Jorge Alejandro Paulete Scaglia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) revela que os insetos são atraídos pelo cheiro liberado pelos cadáveres a fim



Natácia Guimarães/Labfoto

de buscar alimentação, reprodução e depósito de ovos. Estima-se que as moscas cheguem, em média, 15 minutos após a morte do indivíduo. Já no segundo dia, os besouros podem estar presentes no corpo em estágio de decomposição com o intuito de se alimentar das moscas.

Dessa forma, a pesquisa realizada por Scaglia, que examinou um corpo humano em diferentes estágios de decomposição, aponta que o estudo com insetos contribui para compreender o processo de sucessão ecológica nos corpos. Segundo Favízia, esse estudo tem grande importância para a investigação criminal, porque nos permite calcular o tempo aproximado da morte do indivíduo através das características e idade dos insetos coletados no seu corpo.

Essa técnica só é desenvolvida graças ao uso do aparelho denominado estereomicroscópio, que viabiliza realizar fotomontagens aplicadas em até 120 vezes. Utilizando esse instrumento, é possível reproduzir uma fotografia dos insetos em 3D, e assim, visualizar as suas minúsculas características que não seriam enxergadas a olho nu.

A coordenadora ainda ressalta “que cada região geográfica tem suas espécies de insetos e nem todos estão presentes no corpo. Os estudos comprovaram que em áreas litorâneas, com dunas, próximas ao mar, as espécies são diferentes daquelas encontradas em ambientes florestados ou de caatinga. Dessa forma, é possível saber se o corpo foi movido de local e se os insetos identificados são típicos daquele território. A partir dessa análise podemos conhecer a fauna do município de Salvador e mapear os insetos típicos de cada região”, explica.

Essa etapa da pesquisa foi concluída em 2014, com isso, os seus resultados deram origem a três dissertações de mestrado. Uma das autoras da dissertação de mestrado e participante do grupo de pesquisa, Fernanda Maria Correia, fala sobre os saberes adquiridos que desencadearam na investigação da família Sarcophagidae, uma espécie de mosca varejeira bastante examinada nos casos. “Eu me encontrei na biologia por causa da área de entomologia forense, pois pude conhecer toda fauna que estudamos, avaliar o ciclo de vida das diferentes espécies de insetos, o que é imprescindível para a análise de um caso criminal”, disse.

Também participante do grupo e mestranda em Diversidade Animal, Daniele Lopes complementa dizendo que a entomologia é um estudo que permite compreender as linhas tênues da vida humana. “Podemos aplicar os nossos estudos e conhecimentos para decifrar os acontecimentos e dar um retorno imediato à sociedade. Com as pes-

quisas, tivemos a possibilidade de conhecer onze espécies na Bahia, antes só tínhamos conhecimento de três”, explica.

Atualmente a equipe realiza a análise final dos dados, bem como estão concluindo sete artigos sobre essa temática para serem publicados pela Fapesb. Ainda neste ano, pretende finalizar a produção do catálogo com fotografias de 60 espécies de insetos da Bahia coletados no decorrer dos experimentos. Este material, por sua vez, será disponibilizado no site da UFBA para que todas as pessoas possam acessá-lo. Além disso, os pesquisadores passaram a trabalhar em conjunto com os peritos no processo de investigação criminal.

### Parte prática

As técnicas desenvolvidas pelo estudo já estão sendo utilizadas pelo Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia. Os peritos coletam amostras de insetos e larvas nos cadáveres e encaminham para os pesquisadores do laboratório de BIOSIS da UFBA, que verificam a compatibilidade no banco de dados, onde estão catalogados as espécies, identificando os tipos de moscas e besouros das amostras. Assim, as respostas são enviadas de volta ao departamento para auxiliar na investigação.

Fernanda afirma que já foi possível identificar um caso de morte por envenenamento ocorrido em Salvador através da análise das larvas presentes no corpo, que por já estarem mortas, indicavam que o cadáver foi envenenado.

Conforme Favízia, a equipe já conseguiu detectar as causas de morte da vítima por meio das características das pupas (estágio intermediário entre uma larva e um inseto adulto), que foram encontradas em corpos em decomposição ou cimentados. Mais de sete casos foram descobertos, sendo a maioria por arma de fogo e apenas um caso de um corpo carbonizado.

Tais aplicações da entomologia forense fazem lembrar dos casos exibidos no seriado norte-americano *CSI: Investigação Criminal*. Os pesquisadores enfatizam que a ficção é diferente da realidade. “No episódio do seriado, a equipe de especialistas em investigação criminal se dedica a solucionar um único caso, enquanto na vida real é preciso examinar vários diariamente. São muitas ocorrências de morte para serem analisadas de forma rápida e precisa”, esclarece Fernanda.

As primeiras pesquisas entomológicas foram realizadas pelo escritor e médico legista Edgar Roquette Pinto em 1908, no Rio de Janeiro. Entre os

“É possível saber se o corpo foi movido de local e se os insetos identificados são típicos daquele território”

Favízia Freitas,  
coordenadora do BIOSIS

“Tivemos a possibilidade de conhecer onze espécies na Bahia, antes só tínhamos conhecimento de três”

Daniele Lopes,  
integrante do grupo

Natácia Guimarães/LabFoto



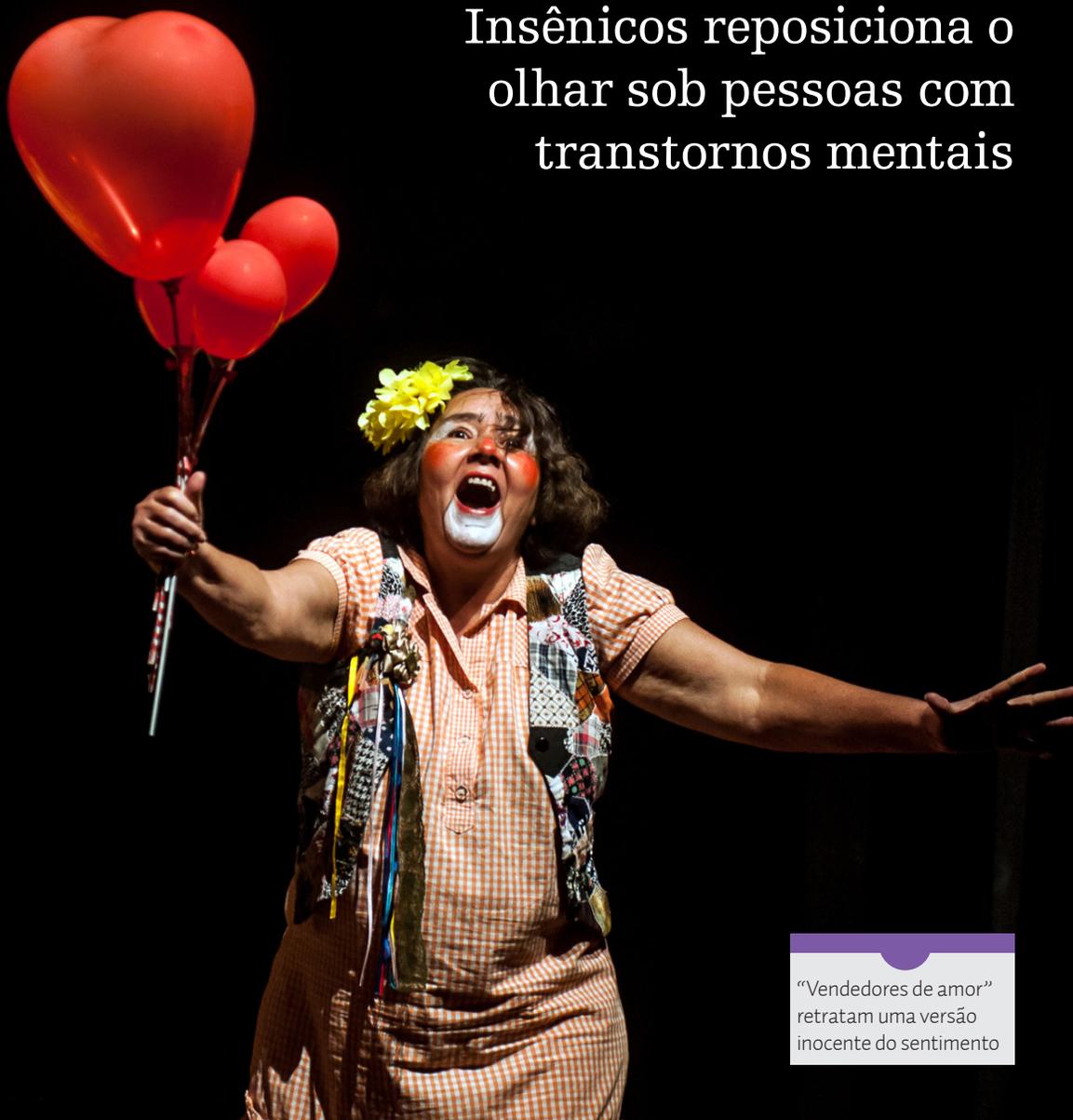
mommoamo nononoonono  
nononoonon nonoon  
nononoonon nonononon  
ononononononononon

anos de 1914 e 1923, o médico baiano e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Oscar Freire, fez o levantamento dos tipos de insetos a partir dos resultados obtidos em estudos com cadáveres humanos. Para a população baiana, a entomologia forense ainda é pouco conhecida, além de ser uma área pouco difundida pelos meios de comunicação.



# Ensaio sobre insanidade

A singularidade criativa  
do grupo teatral Os  
Insênicos reposiciona o  
olhar sob pessoas com  
transtornos mentais



“Vendedores de amor”  
retratam uma versão  
inocente do sentimento

Tarsila Carvalho

“Todos nascemos loucos. Alguns continuam sendo”. Assim o diz Samuel Beckett nas páginas finais de *Esperando Godot*, uma de suas peças teatrais mais conhecidas. O teatro em si é uma prática da loucura - o palco é o lugar do conflito, da emoção, da verdade. Na vida em sociedade, por outro lado, se busca o que foi consolidado como normal, seguindo as dicotomias

do certo e errado, do bonito e do feio. À margem do convívio, a sociedade coloca os que considera desajustado.

De forma poética e artística, o grupo teatral sotopolitano “Os Insênicos” põe em questão esta marginalização. Este ano, no Dia Nacional da Luta Antimanicomial, o grupo despediu-se de “Balada de Amor”, seu terceiro projeto. Drama, humor e poesia se fundem no texto, escrito pelo próprio grupo, que conta a história de diversas personagens que

se juntam em um bar-karaokê para compartilhar os desdobramentos de seus conflitos amorosos. O espetáculo se apoia na estética da música brega, aproximando as situações vividas pelas personagens ao universo popular brasileiro. Contudo, a sensibilidade do grupo não diz respeito apenas à forma como fala para o público, mas está presente em todas as etapas de seu trabalho.

O grupo é formado por pessoas com transtornos mentais, e surgiu inicialmente em 2010 a partir de um projeto para um edital de Cultura e Direitos Humanos da Fundação Cultural. “A proposta do projeto era fazer uma oficina de teatro para usuários de saúde mental durante três meses e ao final desse período realizar uma apresentação”, conta Renata Berenstein, 30, diretora do grupo, que assina o espetáculo ao lado de Laili Flórez. Feita a parceria com a Associação Metamorfose Ambulante de Familiares e Usuários do Sistema de Saúde Mental do Estado da Bahia (AMEA), as atividades começaram no Espaço Xisto com um grupo de 20 pessoas e, em junho de 2010, o projeto de conclusão da oficina foi apresentado na Sala do Coro do TCA - “Os Insênicos”, uma mistura de insanidade com artes cênicas.

A vontade de continuar o trabalho fez com que o grupo prosseguisse de forma autônoma - “Desde então, nos mantemos com algumas formas de arrecadar dinheiro: bazares, ações e o que sobra de bilheteria”, diz Renata. Sem financiamento, Os Insênicos hoje são associados ao grupo Gerar do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

## Montanha-russa

Trabalhar questões pessoais em cena é um dos diferenciais d’Os Insênicos em “Balada de Amor”. A pesquisa acerca do tema envolveu leituras clássicas, aulas de canto, produção de texto e partilha de experiências pessoais. Com cinco anos de existência, o amadurecimento do grupo é visível - “Antes, não conseguiam decorar as falas, anotavam nas roupas, nos braços. Hoje temos um texto que, quando se perde, eles improvisam”, conta Renata. A parte da ficção, o espetáculo quebra a “quarta parede” e põe os atores a contar episódios de suas vidas pessoais. Muitas vezes traumáticas, as experiências contrastam com o tom divertido do texto ficcional, causando momentos de riso e emoção para os espectadores.

Numa cadeira rosa brilhante do lado direito do palco, os atores dão seus depoimentos. “Já disse a Renata que quando terminarmos a apresentação, vamos queimar a cadeira”, brinca Raimundo dos Santos, ator. A diretora aponta que, apesar de o trabalho não ter foco terapêutico, os atores se beneficiam com o teatro. O principal ganho é o social. “Eles deixam de ser os ‘malucos’ de suas famílias e passam a ser os atores. A família vai assistir, as pessoas aplaudem. Recolocá-los socialmente é a grande força”, defende.

# Escolas sintonizadas nas ondas do rádio

Escolas da rede pública de ensino de Salvador participam de projetos de revitalização da rádio escolar

Tatyane Ferreira

De segunda a sexta, os estudantes da Escola Municipal Governador Roberto Santos, no Cabula, em Salvador, descem correndo para o pátio da instituição no horário da merenda. O motivo? Eles querem ouvir a programação da rádio, um projeto desenvolvido por 20 alunos com idades entre 12 e 16 anos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A emissora foi implantada na escola em 2013 como parte da pesquisa de dissertação de mestrado sobre rádio escolar realizada pela professora da rede municipal de ensino de Salvador, Kátia Soane. O projeto recebe apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, em parceria com o Grupo de Pesquisa Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

Os estudantes integrantes do projeto participam das oficinas de spots, criação de podcast e produção de textos. Para a educadora Kátia Soane, a partir da implantação da rádio na escola a aprendizagem dos conteúdos ficou mais atrativa para os alunos. “A rádio desde o início da proposta foi o principal agente motivador que possibilitou a interação dos alunos”, disse.

Segundo a diretora da escola, Maria de Fátima Simões, a proposta radiofônica tem despertado o interesse dos estudantes em aprender e contribuído para o desenvolvimento da escrita e oralidade dos estudantes.

Também pensando nesses benefícios, o Colégio Estadual Doutor Luiz Rogério de Souza, localizado no bairro de Plataforma, em Salvador, instalou uma rádio em 2010. O projeto abrange dez estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, entre 14 e 18 anos, que comandam

a rádio Luiz Rogério. O nome foi escolhido pelos próprios alunos. A programação é distribuída por doze caixas de som amplificadas instaladas no prédio da escola, com potência que também permite à comunidade do entorno escutar os programas.

A transmissão funciona nos intervalos das aulas, de segunda a sexta-feira. São divulgadas mensagens, notícias sobre esportes, política, curiosidades do dia, músicas, avisos para os professores, alunos e residentes do bairro.

Por ter um grande potencial de difusão das informações, alguns educadores usam esse meio de comunicação para promover dicas de atividades e maiores explicações dos conteúdos didáticos. É o que ocorre com a professora de História do Ensino Fundamental, Josefa Amélia de Souza, que incentivou os estudantes a criarem um programa para falar sobre o legado da cultura africana.

“Através da rádio, explicamos a influência dos negros na nossa cultura e convocamos os alunos e a comunidade a participarem da exposição acerca das manifestações culturais afro-brasileiras realizadas nesta sede”, explica.

A programação da Luiz Rogério é dividida em três blocos com temas variados. “O primeiro trata dos acontecimentos esportivos, enquanto o segundo lista as músicas mais pedidas pelos ouvintes. Já o último bloco narra os principais fatos do dia a dia”, explica Bárbara Souza, 16 anos, estudante do 2º ano do Ensino Médio e responsável pela maior parte da produção do conteúdo.

Josenildo Almeida, 15 anos, está à frente da locução desde a fundação da rádio. O estudante também orienta os demais colegas, a partir da leitura dos jornais, a produzirem um texto falado. Essas habilidades foram adquiridas com ajuda do jornalista e monitor do programa Mais Educação, Romildo Brandão, quando este trabalhava na instituição,

e o ensinou a transformar um texto impresso em uma matéria para rádio. “Aprendi com o professor a diferenciar um texto impresso de um sonoro”, comenta Josenildo.

Na época, Romildo exercia a função de monitor que ensina e acompanha os alunos nas atividades e manuseio dos equipamentos da rádio. O trabalho de monitoria remunerado pode ser desempenhado por estudantes universitários da área específica ou pessoas que tenham curso técnico na área de desenvolvimento da atividade. No caso de monitor voluntário, estudantes de Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio maiores de 16 anos podem desenvolver a função de acordo com suas competências e habilidades. No caso da rádio, eles precisam conhecer o funcionamento dos equipamentos sonoros para ensinar aos alunos.

Ouvinte assídua da rádio e moradora de Plataforma há 33 anos, Julice Cerqueira, 46, diz que a rádio escolar desperta nos alunos a vontade de se comunicar melhor. Para a professora aposentada, “é uma forma de incentivar os estudantes a frequentarem mais as aulas e a procurarem aprender a língua portuguesa”.

## Falta de incentivo

A emissora foi estruturada a partir da oficina de rádio escolar realizada pelo programa Mais Educação, uma iniciativa do Governo Federal, em parceria com a Secretária da Educação do Estado da Bahia. Hoje a rádio Luiz Rogério corre o risco de encerrar suas atividades neste ano devido a saída do estudante Josenildo, que exerce a função de monitor voluntário e está finalizando seus estudos.

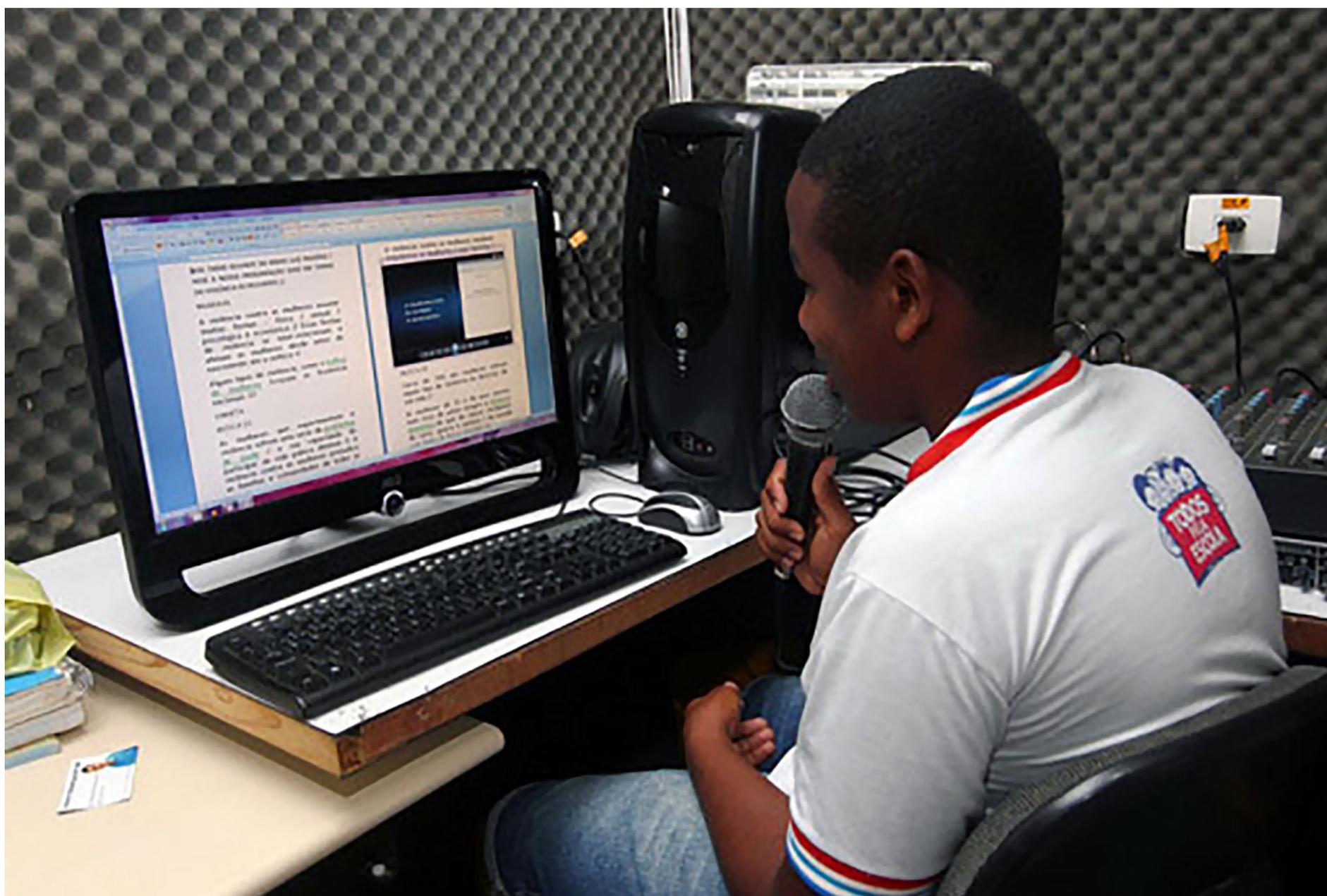
Segundo o diretor da escola, Wellington Ferreira, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia informa que não há previsão de nova contratação de monitores, devido à redução do orçamento do programa Mais Educação.

“Aprendi com o professor a diferenciar um texto impresso de um sonoro”  
Josenildo, estudante

Estudantes do projeto da rádio do Colégio Estadual Doutor Luiz Rogério de Souza

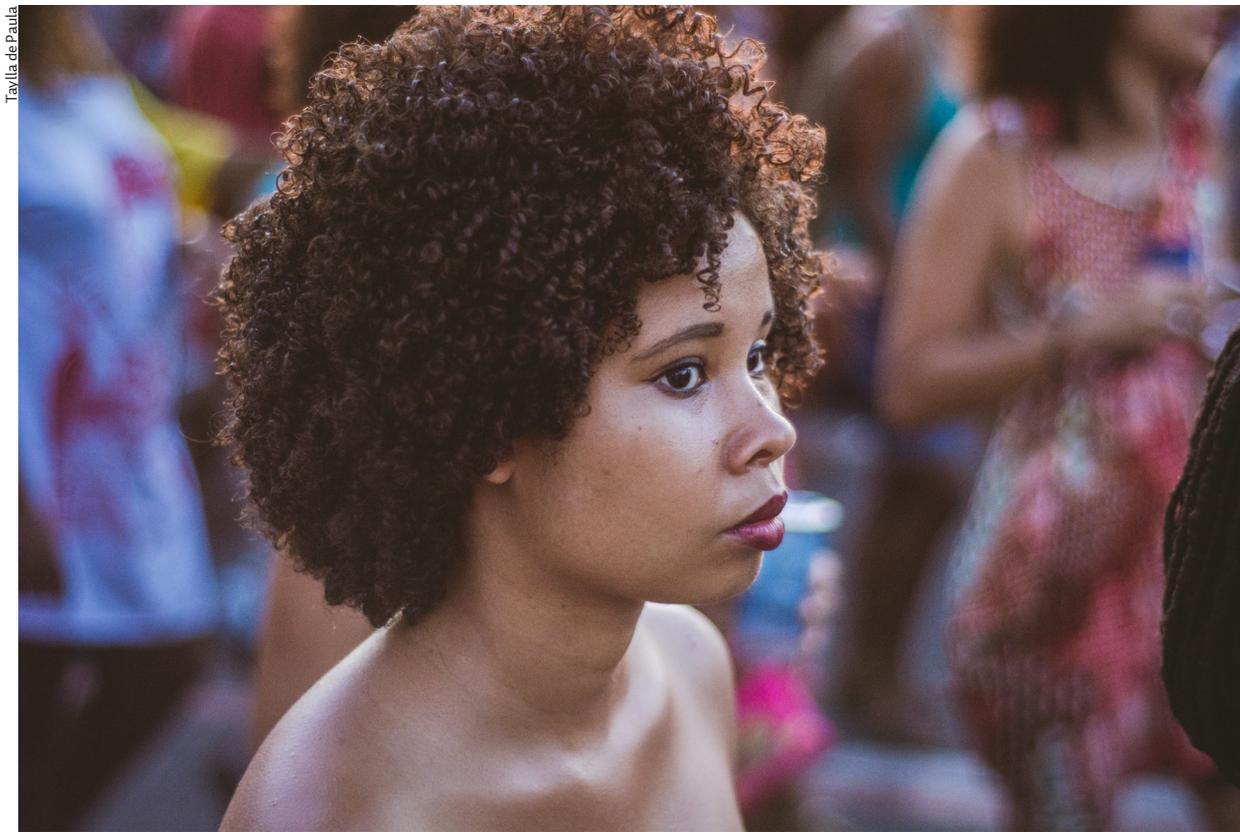


Camila Souza/Divulgação Secom



# Novembro Negro

## Marcha do Empoderamento Crespo é marco na luta brasileira antirracismo



Carla Ribeiro

No dia 7 de novembro aconteceu em Salvador a 1ª Marcha de Empoderamento Crespo. Segundo os organizadores, a passeata levou mais de 3 mil pessoas para as ruas da cidade e foi um importante passo para a continuidade de um debate que vem se intensificando nos últimos anos: a estética negra como ferramenta de poder ao povo afrodescendente.

“A Marcha procura criar uma rede de empoderamento”, explica Lorena Lacerda, museóloga de 25 anos e uma das representantes da comissão organizadora do evento. “Nós queremos somar à discussão que questiona o ideal de beleza que existe hoje. Estamos trazendo para as ruas nossa essência, nossa identidade e mostrando que ser negro é bonito”, completa.

Desde a década de 70, o movimento Black Power, nos Estados Unidos, usava a estética e, mais especificamente, o cabelo crespo como uma ferramenta de afirmação política. No entanto, para Bruna Rocha, 25, diretora de mulheres da União Nacional dos Estudantes (UNE) e militante do coletivo Enegrecer, o movimento é ainda mais abrangente. A questão do cabelo, na verdade, “envolve e ultrapassa o político” por que “coloca a estética como um lugar de disputa no imaginário social acerca do povo negro”, explica.

Segundo ela, o racismo julga a moral, o comportamento e a ética das pessoas se baseando em seu tipo físico, atribuindo ao negro as características ruins e inferiores. “A aceitação do fenótipo [negro] e a afirmação desse fenótipo no espaço público, enquanto identidade social, de fato é um movimento muito revolucionário”, opina.

Foi pensando em ser parte ativa desta revolução que Hellen Caroline, 20, estudante de Comunicação, decidiu trazer a sua irmã mais nova, Júlia, de 4 anos, para a Marcha. “É importante ela estar aqui porque ela precisa de referências de pessoas negras”, justifica. “É muito diferente da minha infância, quando eu não via negros em lugar [de destaque] nenhum. Para Júlia, vai ser melhor porque ela já está sendo feliz com o cabelo dela, com a cor dela. É uma questão de representatividade”, afirma a estudante.

No entanto, apesar de reconhecer a importância da valorização estética na luta antirracista, as crespas da passeata deixam claro que as mudanças não se resumem a isso. Segundo elas, o movimento acaba levando o povo negro a ter uma consciência mais profunda do que é a luta contra o racismo, ao mesmo tempo em que passa a se empoderar e se aceitar.

“Não para por aí”, diz Bruna Rocha. “Uma vez empoderado, você tem que puxar a mão dos seus irmãos e continuar empoderando para combater o processo de forma constante”, conclui.

## Empreendedoras Negras de Salvador

Segundo Lorena Lacerda, a maioria das pessoas envolvidas na comissão da marcha são do sexo feminino. “A nossa equipe é composta majoritariamente por mulheres e pretende mostrar esse protagonismo para somar à luta baiana antirracismo”, afirmou.

Foi buscando este espaço de protagonismo que algumas mulheres trouxeram para a marcha algo a mais do que os cabelos crespos. Este foi o caso de Teresa Rocha, 20, estudante de Comunicação que, enquanto a passeata acontecia, entre um sorriso e outro distribuía adesivos divulgando a sua página do Facebook, “Bonita Também”, com mais de 5 mil curtidas, onde fala sobre como é possível ser bonita também fora dos padrões. O projeto ainda tem uma página no Tumblr na qual Teresa reúne dezenas de depoimentos de mulheres que destacam a sua beleza “black power”, crespa, e a dos seus corpos com uns quilos a mais.

“Acredito que quando uma mulher se aceita e se ama, ela ganha segurança para se desenvolver na vida profissional, ela ganha independência, e consegue principalmente ter mais força pra lutar contra a opressão”, afirma Teresa. O mundo virtual é um cenário de discussão para estas mulheres, mas não é o único. “Eu pretendo ampliar criando camisetas e canecas. Fazer adesivos foi a primeira iniciativa, quero transformar a mensagem em produto porque sei que assim ela também é disseminada”, explicou a estudante. A preocupação de Teresa, no entanto, é mais ideológica que de mercado. “Quero ter muito cuidado, não quero que a lógica comercial seja maior do que a mensagem que o projeto tem”, afirma. Dentre as milhares de mulheres presentes na passeata, estava Laisa Gabriela Sousa, 25, estudante, que há três anos vende trufas e brigadeiros para ajudar na própria renda. “Se nós já incomodamos apenas por sermos mulheres negras e empoderadas, imagine ser tudo isso mais empreendedoras?”, comentou, entusiasmada. Sobre os desafios que ela enfrenta, Laisa não poupa palavras. “Lutei contra todo tipo de preconceito, fui bem além do que imaginava. Patrocinei dois grandes eventos em Salvador, Miss Bahia Latina e Miss Bahia Intercontinental, sigo vendendo frequentemente na faculdade e indo em frente, sem baixar a cabeça. E é em tudo isso que eu mostro a minha capacidade”, finalizou. Apesar de todo o esforço feito até aqui, as empreendedoras crespas sabem do longo caminho que ainda terão que percorrer para que o seu espaço na sociedade seja consolidado. Esta é uma luta que ainda não terminou, mas que já começa a ser vencida nas pequenas batalhas diárias, uma marcha após a outra.

# Língua oficial: diversidade

## Órgão vinculado à UFBA, o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) oferece cursos de idiomas africanos e orientais

Jade Giallorenzo

Entre os estabelecimentos comerciais e prédios residenciais espalhados pelo Largo Dois de Julho, no centro da cidade, um casarão chama a atenção de quem transita pelo local. Na antiga casa de tom verde claro já funcionou a sede do Ministério da Educação (MEC) em Salvador e desde 2004, a edificação funciona como sede do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

Vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde sua fundação em 1959, o Centro de Estudos Afro-Orientais foi idealizado pelo filósofo e ensaísta português Professor Agostinho Silva, para funcionar como um centro de pesquisa, estudo e debate da cultura afro-brasileira e para servir como um canal de diálogo entre o Brasil e os países africanos e asiáticos. Nesse espaço de debate e valorização das culturas africanas e asiáticas são oferecidos cursos de idiomas, como árabe, iorubá, japonês e mandarim.

### Idiomas afro-orientais

Assim que termina de explicar os detalhes da gramática do iorubá, língua falada por quase 30 milhões de pessoas ao redor do mundo, o professor Ajayi Adekanye recebe perguntas sobre os costumes locais e a cultura de sua cidade natal, Ifé, no sudoeste da Nigéria.

O forte vínculo das religiões de matrizes africanas, em especial o candomblé, com a cultura baiana, desperta a atenção de seus adeptos, como o estudante Ítalo Bacelar, a frequentar as aulas de Iorubá. “Sentia necessidade em aprender o idioma porque a maioria das palavras utilizadas na hora dos rituais do candomblé e da religião de uma forma geral, são em iorubá”, afirma Ítalo Bacelar.

Os encontros acontecem uma vez por semana, das 18h30 às 20h30, e nesse período os alunos aproveitam para tirar dúvidas não apenas da gramática do idioma que aprendem, mas também de particularidades da cultura do país de origem de seus professores. Assim como o nigeriano Adekanye, os outros três professores que ministram as aulas de árabe, japonês e mandarim são estrangeiros.

### Novos tempos

Coordenadora dos cursos de idiomas desde 1995, Elizabeth Sá Telles recorda que a formatura da primeira turma de iorubá teve um belo ritual de encerramento, com alunos vestindo trajes típicos africanos, sendo realizada na Câmara de Vereadores de Salvador. A turma seguinte formou-se no Salão Nobre do Memorial da Medicina, também com grande festa.

Embora não fosse novidade, já que os cursos são oferecidos desde os primeiros anos de fundação do órgão, em meados da década de 1990 e início dos anos 2000 o curso fazia sucesso. “A sede do CEAO estava no Pelourinho, próxima a outros centros culturais que celebram a cultura afro-brasileira, e despertava curiosidade dos que passavam pelo local. Sem falar que existia uma divulgação orgânica, informal”, explica Elizabeth.

As aulas de iorubá continuam sendo as mais procuradas e as que têm maior número de alunos matriculados. Porém, formaturas como essas recordadas pela coordenadora dificilmente aconteceriam nos dias de hoje, já que o número de alunos inscritos para os cursos é baixo se comparado com alguns anos atrás. Há 10 anos, a média de alunos por turma era de 30, e hoje, a turma com maior número de alunos, o módulo 1 de Iorubá, não passa dos 12.

Nessas aulas, os alunos se familiarizam com palavras, tiram dúvidas sobre a pronúncia correta e perguntam detalhes sobre os orixás. “Tudo isso ajuda a aproximar os adeptos do candomblé com a língua mãe da religião”, acrescenta Ítalo. Apesar das aulas com bom nível técnico e uma boa dinâmica, o estudante pontua que a divulgação deveria ser maior: “Demorei meses procurando um curso como esse”.

A fraca divulgação contribui para a baixa procura pelos cursos. Próximo ao início das aulas, o período de abertura das inscrições é divulgado, quase exclusivamente, no site de notícias da UFBA, sem repercussão em outros veículos de comunicação e pouco impacto nas redes sociais. Desde o início de 2015 o site do órgão está fora do ar, o que dificulta a busca dos interessados por mais informações sobre os cursos de idiomas oferecidos e sobre o próprio CEAO. O contato com o órgão fica restrito ao telefone.



Matheus Buranelli/LabFoto

Elizabeth frisa que o público alvo dos cursos não se limita apenas à comunidade acadêmica: “Os cursos não são voltados apenas para os alunos da universidade, mas sim para a comunidade em geral. Profissionais de diversas áreas nos procuram interessados em se inscrever nas aulas, geralmente para entrar em contato com suas raízes ou por impulso, curiosidade”. Mas admite que o site fora do ar atrapalha na divulgação.

O CEAO oferece os dois módulos do curso de árabe, por exemplo, mas o baixo número de alunos inscritos impede que se formem turmas, por isso só são lecionadas aulas do módulo I do idioma.

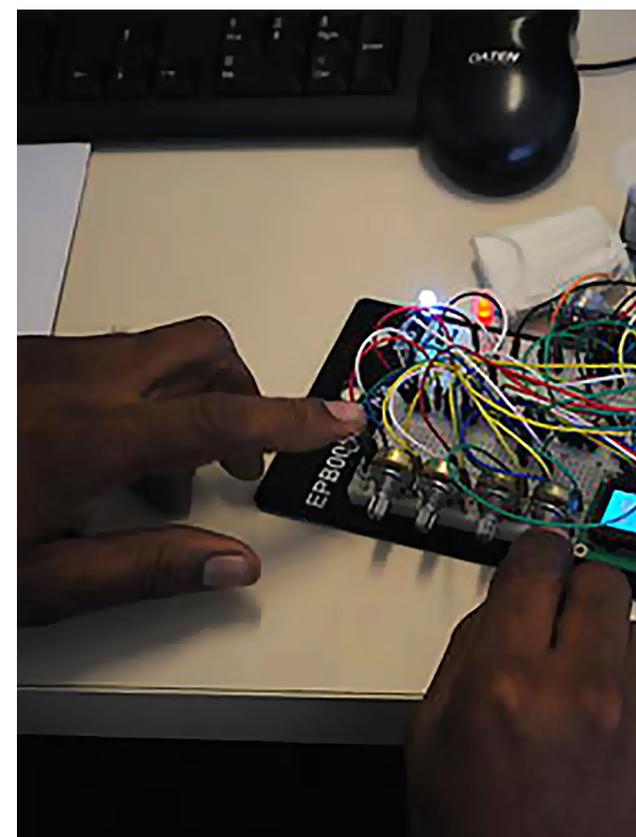
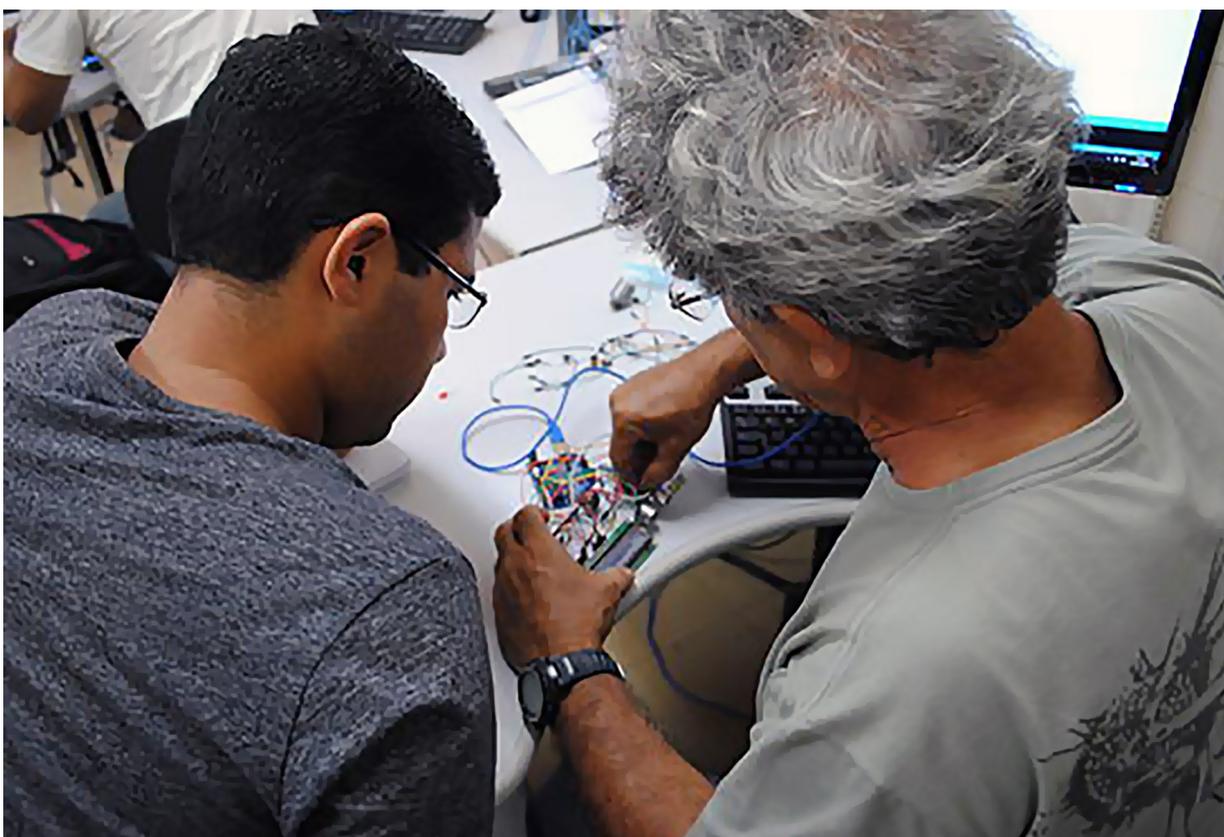
Entretanto, a fraca divulgação não tira o mérito dos cursos, conforme a máxima do órgão de funcionar como um canal de diálogo entre países distintos, proporcionam o aprendizado da linguística de idiomas que não se limitam ao continente europeu e americanos, e ajuda na divulgação e valorização de suas respectivas culturas.

Os cursos não exigem pré-requisitos para inscrição e são divididos em módulos, de acordo com sua duração: Árabe (módulo I - 3 meses), Japonês (2 anos), Mandarim Instrumental (1 ano) e Iorubá (módulo I ou II- 3 meses).

A mensalidade custa R\$100 e para receber o certificado de participação ao final de cada módulo é preciso manter uma frequência de 70% e média 7.

### Serviço

Localização: Praça Inocêncio Galvão, 42, Largo Dois de Julho, Centro  
Telefone: (71) 3322-6742  
Email: ceao@ufba.br



# Arduíno – tecnologia e interação

Plataforma de prototipagem facilita criação de dispositivos interativos a baixo custo

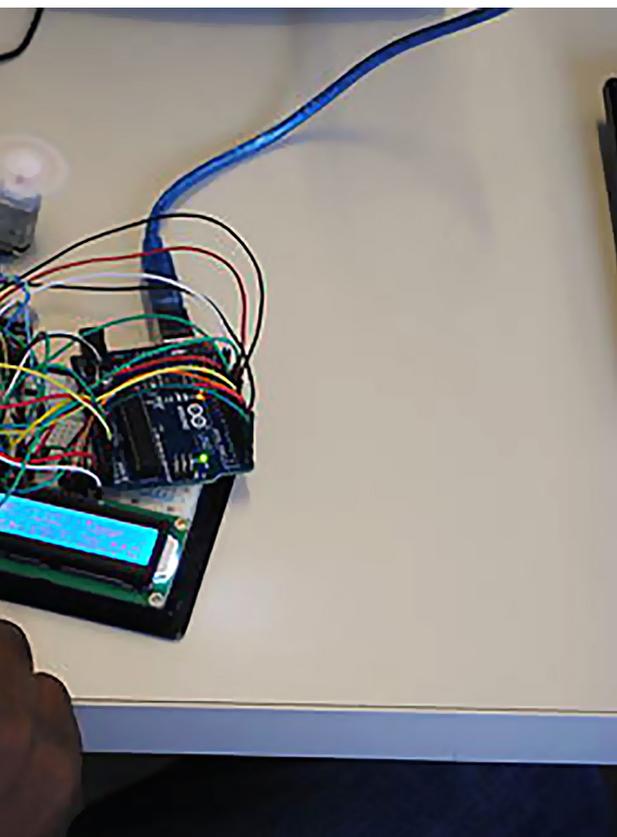
Pollyanna Couto

Imagine uma plataforma que permite uma pessoa comum, sem conhecimento técnico, criar um dispositivo interativo de baixo custo e através dele, produzir um protótipo para interação com o público. Em meio ao mercado milionário da tecnologia e sua crescente evolução, nasceu o Arduíno, uma plataforma de prototipagem eletrônica de hardware livre e de placa única, formulada em 2005 no Ivreia, instituto de designer e interatividade na Itália.

Com sua programação e linguagem simplificada, o Arduíno pode ser utilizado para ensinar lógica de programação que permita desenvolver dispositivos interativos, desde um simples pisca de luzes até dispositivos mais complexos, como drones, casas inteligentes e impressoras 3D.

A plataforma foi criada com o principal intuito de ajudar projetos escolares a ter um orçamento menor que outros sistemas de prototipagem disponíveis no mercado, além de facilitar que pessoas sem qualquer conhecimento técnico prévio em eletrônica e programação pudessem criar dispositivos interativos.

O Arduíno funciona como uma espécie de “cérebro programado”. Um arquiteto, por exemplo, pode utilizar a plataforma a seu favor para, se tiver



Divulgação

O curso de Arduino acontece no Instituto de Ciências da Saúde da UFBA.

muito sol, fechar uma cortina; se tiver muito calor, climatizar a casa. Enfim, controlar ações e mexer com a interação na casa.

Ao longo dos anos, a plataforma acabou tendo outras finalidades e sendo aprimorada por especialistas da área (técnicos de informática, técnicos de mecatrônica, engenheiros elétricos, etc) que começaram a criar aplicações mais complexas. Atualmente, são 16 mil formas diferentes de se utilizar a plataforma.

### Hardware livre

O objetivo da plataforma é criar ferramentas flexíveis, acessíveis e com baixo custo. Por isso, esse hardware essencialmente livre é acessível para aqueles que não teriam alcance aos controladores mais sofisticados e ferramentas mais complicadas.

Apesar do sistema poder ser montado pelo próprio usuário, os mantenedores possuem um serviço de venda do produto pré-montado, através deles próprios e também por distribuidores oficiais com pontos de venda mundiais, porém os preços em nada se comparam aos preços de plataformas mais sofisticadas. Um Arduino custa em torno de 90 reais e consegue atingir o mesmo re-

sultado de dispositivos clássicos que custam em média 2 mil reais.

### Brasil

“Meu sonho é ver todo o Brasil usando Arduino. Costumo dizer que a sua imaginação é o limite do que pode ser feito com a plataforma”, enfatiza Ronivon Santos, técnico de informática e divulgador da plataforma no Youtube. Entre as possíveis aplicações divulgadas está o projeto do jardim automatizado, um jardim inteligente que sabe quando suas plantas precisam ser regadas, através de um Arduino que mede a umidade.

Para Eldres Davino, técnico de informática da Petrobras, a melhor face do Arduino é sua versatilidade. “A possibilidade de escrever e apagar o código faz do Arduino uma ótima ferramenta de teste, para fazer modificações. Uso para fazer atualizações em quase todos os outros produtos, uma vez que é só trocar a plataforma em funcionamento por um novo com outra programação” explicou.

Já para Victor Ben-Hur, técnico de mecatrônica e futuro engenheiro elétrico, um dos fatos que tem ajudado na popularização dos Arduínos no Brasil são as difundidas impressoras 3D (onde os cérebros são arduínos) e os drones (com sua variações

adaptadas), sendo ambos relevantes personagens do atual cenário do desenvolvimento tecnológico.

“Em Salvador, a plataforma vem se popularizando desde 2012. Estamos na décima turma e já são mais de 300 alunos formados”, disse Victor Ben-Hur, que é também professor do Curso Arduino Salvador. O curso tem dois níveis: o iniciante, voltado para pessoas que nunca tiveram contato com a plataforma e o avançado, destinado àqueles que já têm experiência com o Arduino.

Além do aumento de interessados pela plataforma, o Arduino tem se popularizado nas escolas particulares, onde tem sido realizados projetos de trocar os legos pelos Arduínos, porque além do menor preço, os alunos podem levá-los para casa, além de confeccionar robôs. Nas escolas públicas, têm sido feitos projetos básicos de lógica e eletrônica utilizando a plataforma.

Para os profissionais da área e pessoas que utilizam a plataforma como hobby, o maior obstáculo para uma maior popularização do Arduino está em convencer o governo a diminuir a carga tributária desse produto, uma vez que é uma ferramenta didática e educacional.



# Um por tod@s e tod@s pela igualdade

Salvador recebe a primeira casa brasileira de apoio a mulheres e população LBTT vítimas de violência

Jasmin Chalegre

A casa Cristal Lilás da Bahia nasce como a primeira casa brasileira de apoio e acolhimento à população LBTT (lésbicas, bissexuais, transsexuais e travestis) em situação de violência, vulnerabilidade social e perseguição, além de promover ações para a construção de uma consciência de cidadania e contra a cultura da violência. No entanto, se um gay ou uma mulher heterossexual precisar, a Casa também abre suas portas.

O projeto, de autoria do Movimento de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia, em parceria com diversas entidades internacionais, entre elas a Organização das Nações Unidas (ONU), tem sua inauguração marcada para o próximo 22 de janeiro. O projeto irá assistir a capital baiana e mais 27 municípios do estado.

Situada no bairro dos Barris, próxima à Biblioteca Pública do Estado, oferecerá atendimento de psicólogos, advogados, infectologistas, entre

O serviço terá dois edifícios. Na rua Theodoro Sampaio, número 136, nos Barris, será feito o primeiro atendimento pela equipe técnica. O lugar do abrigo propriamente dito é sigiloso com o objetivo de resguardar a privacidade e a integridade dos atendidos.

outros profissionais, para as mulheres LBTT em situação de risco. Além do serviço de assistência e acompanhamento, o projeto conta também com um abrigo com capacidade para 80 vítimas de agressões que estão sofrendo ameaças. As pessoas poderão permanecer nesse abrigo durante seis meses, onde receberão proteção e anonimato, para não serem localizadas pelo agressor. Nesse período as vítimas receberão orientação para sair das situações de violência e obter emprego mediante parcerias.

Segundo a coordenadora da Cristal Lilás, Sandra Muñoz, o programa contará com uma equipe multidisciplinar que, no primeiro ciclo de trabalho, irá atender 100 pessoas. O projeto vai prestar atendimento presencialmente de segunda a sexta e disponibilizará, aos finais de semana, um telefone para socorro em situações emergenciais.



Carla Russo

# Salvador, de ontem em diante

A primeira capital do Brasil cresceu, se desenvolveu e hoje vê a modernidade conversar com sua história

Sérgio Loureiro

Uma cidade emoldurada pela Baía de Todos os Santos. Tida como uma fortaleza para militares, é musa inspiradora para artistas, poetas, músicos e escritores. Agradando índios, franceses, ingleses e lusitanos, a beleza da cidade do São Salvador sempre encantou quem aqui passava. E quem por aqui passava, aqui ficava. A história do Brasil se confunde com a de Salvador, berço de uma pátria nascida pela apropriação. Entender o passado é fundamental para se compreender o tempo presente e fazer o futuro. Ou, como diria a arquiteta italiana Lina Bo Bardi, que residiu durante anos em Salvador e projetou o Museu de Arte Moderna da Bahia, um dos cartões postais da cidade, “a consciência crítica e a continuidade histórica são a grande herança do homem moderno”.

O geólogo e historiador Rubens Antônio Filho, graduado em Geologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e em História pela Universidade Federal da Bahia, e que atualmente trabalha como geólogo residente do Museu Geológico do Estado da Bahia, nos leva a uma viagem pela fundação, construção, evolução e urbanização da cidade do Salvador; desde o seu princípio até a contemporaneidade. Com ambas formações acadêmicas, Rubens fala com a propriedade de quem é especialista na história da Bahia e de Salvador.

## Pré-fundação

A formação da cidade do Salvador pode ser entendida antes mesmo de 1549 - data da chegada da comitiva liderada por Tomé de Souza, a mando do rei de Portugal, Dom João III. Nós temos a descoberta da Baía de Todos os Santos, por volta de 1510,

quando aqui atraca a embarcação de Diogo Álvares Corrêa, o Caramuru. “Diante das muitas lendas que permeiam a sua chegada, o fato é que ele se assentou no que hoje entendemos como a área Graça-Barra, mais provavelmente nas redondezas do Largo da Graça. A razão se dá pelo local, onde hoje predominam os prédios, ter uma importância estratégica provida pela vista marítima – se estende até a região da Amaralina”, conta Rubens. Ainda segundo Rubens, Caramuru começou a lidar com a exploração do pau-brasil, assumindo liderança entre os indígenas. “Ele negociava esse produto com os franceses”, relata.

Foi com a chegada de Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatário português, no intuito de iniciar o modelo de urbanização portuguesa, que surgiu o Arraial do Pereira, onde hoje fica a Igreja de Santo Antônio da Barra. De acordo com Rubens,

“Pereira fez um arremedo de forte, com poucas casas e que ligava a Vila até o largo da Graça por um estreito caminho. Esse arraial, doze anos mais tarde, na época da fundação da cidade, foi chamado de Vila Velha.”

### Fundação

Em 29 de março de 1549 a expedição de Tomé de Souza chega na cidade - já conhecida como Cidade do Salvador. Em sua tripulação estava Luís Dias, arquiteto lusitano responsável por projetar a fundação da cidade. Em seus desenhos, na parte alta da cidade localizavam-se os principais edifícios institucionais e grande parte das áreas habitacionais, enquanto na parte baixa desenvolveram-se as funções portuárias e mercantis.

O historiador Rubens conta que “a princípio, discutiu-se por onde a cidade crescerá. Por motivos geomorfológicos, acreditava-se que o ideal seria progredir através da região do Porto da Barra, enquanto as cartas de recomendações, vindas de Portugal, exigiam que a cidade voltasse-se para ‘dentro’. Acertadas as contas, a fundação escolhe a região que hoje representaria entre a praça Castro Alves até é a Praça Municipal, como berço da urbanidade soteropolitana.” Logo de início, as íngremes ladeiras se tornaram barreiras para a fundação da cidade.

### Primeiros sinais de desenvolvimento

No início dos anos 1600, a cidade já se desenvolveu e contava com um aterro entre a cidade considerada antiga e a Praça da Sé, local por onde Salvador começava a se expandir. “Salvador praticamente triplicou de tamanho em 60 anos, mas ainda precisava de defesa – portugueses priorizavam o sistema de cidades-fortaleza. Portanto, era praticamente proibido construir moradias na cidade baixa”, conta Rubens.

No início do século 17, há um longo caminho de decadência no que diz respeito ao desenvolvimento urbano, espacial e social da capital nacional, causada pelo “boom” da mineração, fazendo com que outros estados, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, passassem a se desenvolver mais rápido, enquanto Salvador viveu um período de estagnação em seu crescimento.

Quando chega o século 18, surge uma perspectiva maior de crescimento. Mas este se diz a respei-

“ Salvador foi capital do país, mas deixou de ser, para agora ouvir que se tornara uma província. Fato é que só ela soube como ser moderna e clássica, histórica e inovadora ”

to de moradias. Rubens explica que tal crescimento se dá pelas pessoas se ‘afastando’ de Salvador. “O corredor da Vitória, por exemplo, passa a receber uma grande concentração de residência de ingleses. Estes ingleses aterraram a rua, quando aqui chegaram, por volta de 1810, para que fosse criada a trilha do bonde. Se hoje o Corredor da Vitória é um plano, onde varia apenas 20 centímetros, no todo, antigamente eram vários morros, praticamente intransponível de uma ponta à outra, conta.

O século XIX começa e a Rua do Corpo Santo, no bairro do Comércio, era a única rua que havia em Salvador. O historiador Rubens acredita que “o grande vetor do desenvolvimento urbano de Salvador foi a abertura dos portos, em janeiro de 1808. A ‘declaração de independência econômica’ do país agilizou o comércio da grande cidade portuária do Brasil, que era Salvador. Então não precisava mais de intermediações, ou pagamento de impostos para Portugal, e passamos a negociar diretamente com os clientes. Isso fez girar muito mais capital para a cidade, que, por sua vez, contribuiu como investimento para seu desenvolvimento.” Após a abertura dos portos, outras duas ruas foram construídas.

O século XX inicia-se como terminara o anterior: comércio em ebulição e a cidade crescendo economicamente, em torno de um espaço determinado. “Entre 1910 e 1930 a região do Comércio é aterrada, e ali concentra-se o centro econômico e financeiro da cidade”, relata Rubens.

### Contemporaneidade

Os inúmeros projetos de urbanização e crescimento de Salvador, marcantes no século XX, estavam voltados, principalmente, para a parte alta da cidade. Criou-se o ideal de representar economicamente aquilo que a morfologia significava: cidade alta para a classe alta e cidade baixa para as classes economicamente menos favorecidas. Portanto, grandes obras viárias passaram a ligar pontos desconexos da cidade, hospitais, escolas e empreendimentos imobiliários atraíam e segregavam a classe mais nobre dos demais.

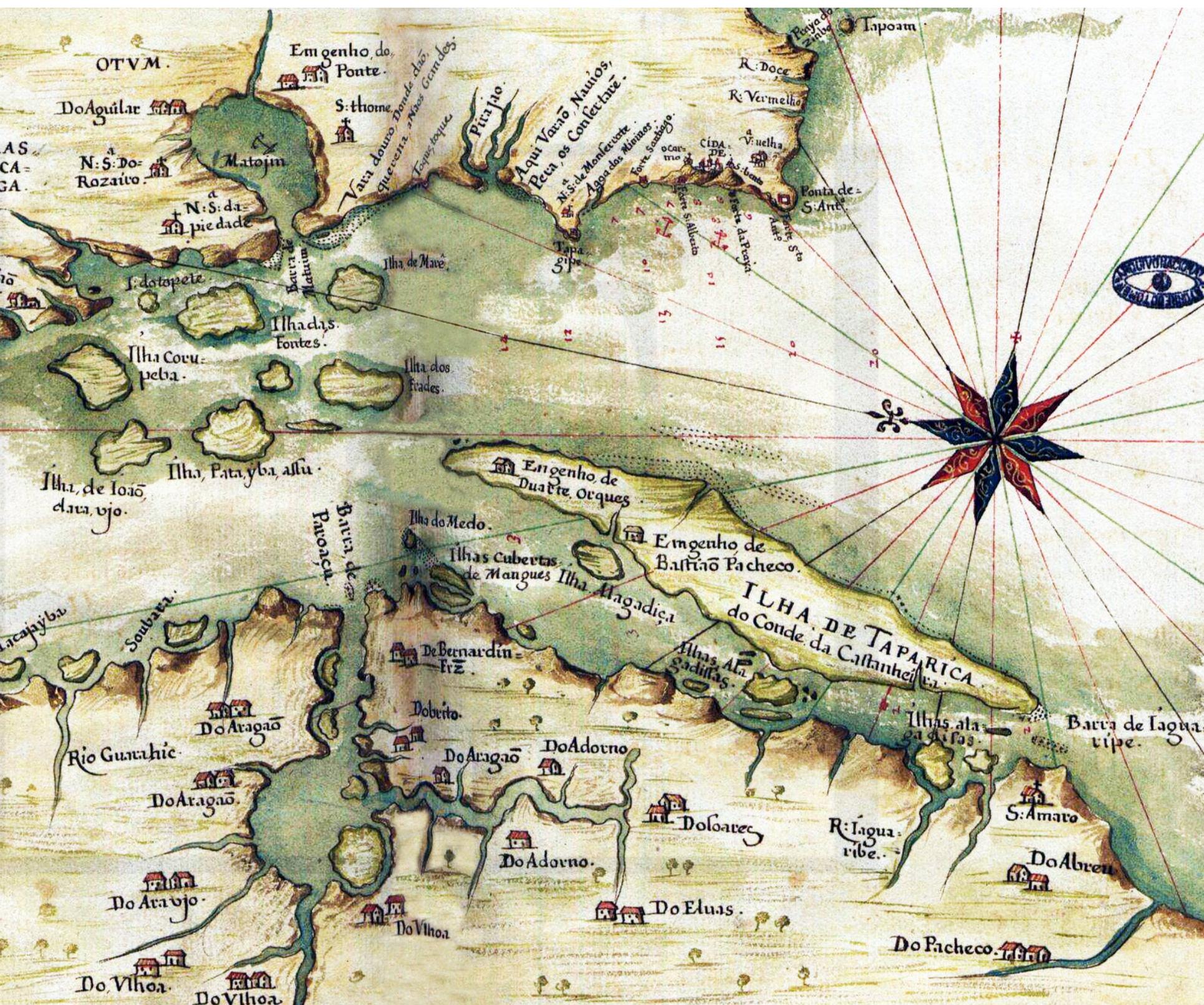
Porém, mais uma vez a expansão espacial de Salvador se esbarra nos grandes vales, que além de valerem-se de barreiras para o desenvolvimento



urbano da cidade, serviam de moradia para aqueles que não podiam pagar por uma casa, ladeira abaixo - neste século aumenta-se a formação e concentração de comunidades alocadas em morros e vales.

### Crescer para fora

Assim, e por conta da saturação espacial e imobiliária, Salvador precisou crescer para fora de si. Desde a implantação do Polo Petroquímico de Camaçari, na década de 80, com a chegada de muitos trabalhadores vindos da Região Sul e Sudeste do Brasil, cidades como Lauro de Freitas e a própria Camaçari passaram a abrigar estes moradores - para isto, foi criada a Avenida Paralela, com o objetivo de ligar Salvador à sua Região Metropolitana.



Hoje, estas cidades se constituem como ‘cidades-dormitório’, pois são residências de homens e mulheres que atravessam toda a cidade para irem ao seu trabalho, na capital baiana.

Salvador cresceu, desenvolveu-se e consolidou-se como uma das mais importantes metrópoles nacionais. Foi capital do país, mas deixou de ser, para, agora, ouvir muitos dizerem que se tornara uma província. Fato é que só ela soube como ser moderna e clássica, histórica e inovadora. E expressa isso em cada curva arquitetônica, cada pedra portuguesa que conta uma história secular de, acima de tudo, enaltecimento e culto da sua identidade baiana e soteropolitana.

Baía de Todos os Santos, carta de João Teixeira ALBERNAZ, de 1640



# Mães estudantes buscam mais flexibilidade na universidade

Apesar de legislação garantindo licença, mulheres encontram desafios para conciliar maternidade e vida acadêmica

Mallu Silva

**F**ernanda Santiago, 28, ingressou na universidade no mesmo período em que seu filho Bento, 6, começava a escola. Hoje, eles completam juntos uma vivência de quase três anos de formação, Bento na escolinha e Fernanda na graduação. Estudante de Ciências Sociais, Fernanda faz parte de um aglomerado de mulheres dentro da academia que enfrenta diariamente o desafio de conciliar os estudos com a maternidade. Seja na graduação ou na pós-graduação, as leis que garantem benefícios associados à maternidade não amparam integralmente as dificuldades dessas mães, que precisam abdicar do tempo com seus filhos para cumprir prazos in-

compatíveis com a demanda dos cuidados de uma criança.

## **Na Graduação, mãe tem direitos**

De acordo com a Lei Federal 6.202 de 1975, a partir do oitavo mês de gestação a estudante grávida poderá ficar assistida pelo regime de exercícios domiciliares durante um período de 120 dias. Ao solicitar o amparo à gestante, é preciso comprovação através de atestado médico. A depender do caso, o período de repouso pode ser estendido antes e depois do parto também por meio de um atestado. Os exercícios devem ser retirados na faculdade por um amigo ou familiar, que depois devem ser levá-los

para correção. As estudantes que não obtiverem nota suficiente para a aprovação nesses trabalhos domiciliares têm o direito de prestar exames finais. Já o abono de faltas é feito assim que a estudante entra com um protocolo e ele é aprovado.

Apesar dessa assistência legal, outros desafios permanecem. O ponto crucial é a pequena extensão da licença, que limita o direito de ser amamentado pela mãe durante os primeiros anos de vida, como indica a medicina e como prevê a legislação brasileira. Diante desses desafios, algumas mães decidem trancar a faculdade durante algum tempo

para ter mais tempo para a criança, enquanto outras decidem tentar conciliar os estudos com a maternidade a partir das ferramentas e auxílios que encontram.

Deixar a criança com algum parente é uma das alternativas mais comuns. Outra opção seria deixar a

criança em uma creche, como a que procura atender os estudantes e servidores da UFBA. Por meio de uma seleção feita pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE), o projeto seleciona crianças de 4 meses até 3 anos e 11 meses para serem assistidas. Em 2015, o edital da PROAE abriu 44 vagas para o serviço creche e 10 vagas para o auxílio creche, no valor de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) por filho.

Fernanda Santiago conta que quando sua mãe não pode cuidar de Bento, a solução é levá-lo para a universidade junto com ela. Na maioria das vezes ele a acompanha dentro da sala de aula, mas outras, ele fica na brinquedoteca da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), onde ela estuda. No entanto, por trabalhar apenas com voluntários, o funcionamento da brinquedoteca não é regular.

Para estas jovens, realizar os trabalhos e provas domiciliares sem ter assistido a nenhuma aula, presencial ou virtual, pode ser complicado. Além das mudanças físicas e emocionais que modificam a rotina de estudos das mulheres, estas dependem da compreensão de professores. Milena Cerqueira, 8º semestre de psicologia, conta: “No começo da gravidez eu vomitava, ficava sempre muito enjoada, indisposta, com um sono absurdo. Por isso faltei quase um mês e meio de aulas. Tive que conversar com a coordenadora do curso, que vai abonar minhas faltas por esse motivo”.

Fernanda Santiago explica que na maioria das vezes a compreensão que os professores afirmam ter com sua condição, na verdade, não chega à prática. “Existe sempre um ‘mas’ para eles, eles compreendem na teoria, mas na verdade não alteram em nada a metodologia, não flexibilizam em nada o cronograma deles em relação ao fato de existir mães em sala de aula”. Fernanda, apesar de gostar da graduação, prioriza seu filho em detrimento do curso. “Eu já deixei de ir para a universidade por conta de atividades escolares de Bento, de não ter com quem deixá-lo”.

### Na Pós-Graduação, também

Para as mães na pós-graduação a situação é similar, embora enfrentem o agravante de precisar diminuir ou interromper as produções e atividades científicas e, como consequência, a possibilidade de não conseguir concluí-las no prazo. Segundo a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), as mestrandas e doutorandas com bolsa de estudo poderão se beneficiar de uma prorroga de até quatro meses nos prazos de finalização dos cursos, em caso de ocorrer o parto durante a vigência da bolsa.

A prorrogação vale tanto para bolsistas do CNPQ, quanto da Capes. Para as pós-graduandas da Fapesb, o direito ainda não é garantido.

Mais uma vez, as mães precisam pensar em diferentes soluções para tornar possível a conciliação: apoio do marido (quando existe), ajuda

da mãe, mudança no horário de estudo, ajuda de cuidadoras quando o financeiro permite, entre outras. “Cada solução deve acompanhar a realidade de cada mulher”, explica Ligia Moreiras Sena, no seu blog “Cientista que virou mãe”. Ligia, bióloga e doutora em farmacologia, decidiu mudar a sua área de atuação após se tornar mãe da Clara. Atualmente faz doutorado em Saúde Pública, dividindo o tempo entre a pesquisa, a filha, e o blog, no qual procura principalmente fazer uma defesa dos direitos e possibilidades de conciliar a maternidade e academia.

Suzy dos Santos, professora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pontua os lados negativos dessas alternativas. “Uma tese de doutorado não justifica uma criança menor de 2 anos de idade exposta a 60% mais risco de doença alérgica e respiratória porque passou tempo demais longe do peito da sua mãe e, usualmente, exposta a um ambiente rico em possibilidades de contágio, como uma creche”. O problema, segundo ela, é entender que a maternidade não é uma questão exclusivamente feminina. “A desigualdade começa na licença apenas para a mulher. Homem e mulher devem dividir o tempo de afastamento para o cuidado com a criança pequena.

Licença parental é um elemento crucial para a isonomia no ambiente acadêmico”.

Do ponto de vista institucional, a solução estaria em uma licença de 2 anos para a mãe, e 2 anos seguintes para o pai ou a mãe que não pariu, e para casais gays. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece 4 anos como a idade escolar mínima, então, se a criança só deve ir à escola aos 4 anos, os adultos deveriam ser liberados do trabalho para cuidar delas, sugere Suzy dos Santos. No caso de

“Carreira e maternidade não são excludentes. Não podem ser”  
*Ligia Moreiras Sena*

“Eu já deixei de ir para a universidade por conta de atividades escolares de meu filho”  
*Fernanda Santiago*

casais, com o cuidado do bebê sendo compartilhado, a carreira da mãe não seria impactada exclusivamente, mas se dividiria o impacto. “Dá pra justificar isso do ponto de vista da saúde pública, dá pra justificar isso do ponto de vista do custo das creches para o estado, dá até pra justificar do ponto de vista da produção a longo prazo. Mas não se justifica do ponto de vista do lucro patronal nem das vantagens patriarcais. E este é o nosso maior problema”, conclui.

Enquanto essa solução não pode ser posta em prática, as mães precisam adaptar sua rotina para cuidar da criança. Algumas, como Ligia Moreiras Sena, repensam toda uma carreira por causa da maternidade. “Delineei todo meu novo projeto acadêmico de forma a poder estar com ela o máximo de tempo possível, porque estar presente era meu objetivo maior, embora minha nova formação seja extremamente importante para mim. Tenho um orientador muito compreensivo, que confia em mim e não exige que eu esteja na universidade apenas para cumprir tabela”. Ela sugere, por exemplo, o uso de plataformas como o Skype, o e-mail e o Facebook para agilizar o trabalho. “Para mim, carreira e maternidade não são excludentes. Não podem ser. E se tem uma coisa que me deixa orgulhosa, é Clara se despedir de mim, dizendo: “Vai, mãe, vai pra sua escolinha. Eu te amo”.

Em 2013, as bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ganharam o direito a um ano adicional no prazo de pesquisa quando tiverem filhos. Com a medida, o CNPq assegura condições mínimas para que as mães bolsistas não interrompam suas pesquisas e atende a demanda das pesquisadoras e de grupos envolvidos no aumento da participação das mulheres nas ciências.

Assim que descobriu que estava grávida, Milena Cerqueira procurou conhecer os seus direitos como universitária. “Eu tenho os meus direitos, conheço eles, e alguns professores estão sendo maleáveis comigo justamente por isso”. Para as pesquisadoras, é importante conhecer o regimento interno de seus programas, para saber quais os amparos e encaminhamentos institucionais dos quais ela pode se servir: se é preciso trancar matrícula para garantir licença, quais os prazos para entregas de documentos, como laudos médicos e certidões de nascimento, se a ocorrência de parto justifica adiamento de qualificação e qual o prazo. É interessante também se informar com outras alunas que já estiveram grávidas ou já são mães, como foi o tratamento dado pelo(a) orientador(a) a elas, bem como pelos responsáveis pelo programa.

Neste ano, o mundo sofreu com uma perda muito sentida quando foi anunciada a morte do escritor que expôs a história da América Latina a partir de outra vertente: a dos pobres, negros, mulheres e indígenas. Eduardo Hughes Galeano, jornalista e escritor uruguaio, faleceu de câncer de pulmão, doença que nunca respeita os mandos da vida. A América Latina sentiu esse impacto comparável à perda de um parente próximo, deixando tudo menos poético, mais injusto, menos humano e delirante. Com sua partida, Galeano levou em sua bagagem toda uma história de luta contra injustiça social, narrada de forma lúdica e apaixonada, que continuam atuais.

Em suas obras, o autor resgata a história da América Latina através de um romantismo revolucionário. “Eu sou um averiguador da grandeza contida em histórias pequenas”, declarou na Feira do Livro de Porto Alegre, em 2008, quando lançou “Espelhos - Uma História Quase Universal”.

Apaixonado por futebol, (trazia o Uruguai e Nacional como seus times de coração), o escritor driblou a versão dos vencedores, sempre presente nos livros de história, e resgatou memórias que haviam sido esquecidas. “Eduardo Galeano era um latino-americano que falava da América Latina para a América Latina e para o mundo”, declara Márcia Parquet, professora de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). No clássico “As veias abertas da América Latina”, por exemplo, o autor analisa a história do continente, desde o colonialismo até século XX, argumentando contra a exploração econômica e a dominação política, europeia durante o colonialismo e, posteriormente, americana.

Nesta obra, traduzida para dezenas de idiomas, o autor transcorre também pelo relato poético. Entre seus livros, estão de “De pernas pro ar”, “Dias de amor e de guerra”, “Futebol ao sol e à sombra”, “O livro dos abraços”, “Memória do fogo”, “Mulhe-

res”, “As palavras andantes”, “Vagamundo” e “Os filhos dos dias”.

“Galeano é talvez uma das influências mais importantes para pessoas de diversas gerações. Pela contundência dos seus relatos, mas ao mesmo tempo pela beleza e pela delicadeza deles, por seu

acontece à nossa volta, e contar - que é outra forma de abraçar, ele dizia. Este foi um dos tantos presentes que nos deixou” afirma Carlos Bonfim. “Saber encontrar a dicção precisa para indignação, não permitir que tirano algum pintasse de cinza nossa existência... Perceber - nas entrelinhas das pequenas histórias que nos deixou - que existem, sim, outros muitos mundos possíveis”, reflete.

### Biografia

Eduardo Galeano nasceu em Montevideo, no dia 3 de setembro de 1940. Era de família católica de classe média e durante a infância sonhava em ser jogador de futebol, esporte esse que inspirou algumas de suas escrituras, como “O Futebol de Sol a Sombra”, de 1995. Sem muita habilidade com a bola, foi pintor de letreiros, mensageiro, datilógrafo e caixa de banco. Aos 14 anos, vendeu sua primeira charge ao jornal do Partido Socialista uruguaio “El Sol”.

Galeano iniciou sua carreira como jornalista no início da década de 1960 como editor do “Marcha”, influente jornal semanal. Foi também editor-chefe do Jornal Universitário por dois anos. Com o golpe militar no Uruguai em 1973, Galeano foi preso e, depois, forçado a exilar-se na Argentina, onde foi co-fundador da revista cultural “Crisis”. Com o acirramento do regime militar argentino liderado pelo ditador Jorge Rafael Videla, teve seu nome nas listas dos esquadrões da morte e assim, para proteger sua vida, partiu para novo exílio na Espanha, onde deu início à trilogia “Memória do fogo”. Somente em 1985, com a redemocratização de seu país, Galeano retornou a Montevideo, onde viveu até sua morte, em 13 de abril de 2015.

“A primeira condição para mudar a realidade consiste em conhecê-la”, escreveu, certa vez, o uruguaio. Após o exílio, se não estava viajando, era comum

encontrá-lo pelas ruas de Montevideo, ou sentado em uma das mesas do Café Brasileiro, na Cidade Velha, o bairro mais antigo de Montevideo. Sentou-se muito a sua falta, a sete meses da sua partida.”



# Saudades do Galeano

## Escritor uruguaio abriu as veias da América Latina para o mundo

Janaína Vidal

compromisso com o humano, pelo seu engajamento indignado e apaixonado”, comenta o professor da UFBA e condutor do programa radiofônico “Latitudes Latinas” (da Rádio Educadora), Carlos Bonfim.

“Olhar de perto, ouvir atentamente o que